



## **José Wilker: a morte de uma celebridade e a relação com seu público<sup>1</sup>**

Karine Fernanda da Silva<sup>2</sup>  
Paula Guimarães Simões<sup>3</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

**Resumo:** Este artigo analisa a repercussão da morte do artista José Wilker, ocorrida em abril de 2014, através de falas coletadas em reportagens e comentários veiculados em portais de notícia. Abordando essa morte como um acontecimento, segundo a perspectiva do sociólogo Louis Queré (2005), a análise partiu de dois eixos: o poder de afetação e o poder hermenêutico de um acontecimento. Assim, procura-se entender como a biografia de Wilker foi constituída a partir dos discursos motivados por sua morte, e o que essas falas revelaram sobre o contexto social hodierno brasileiro.

**Palavras-chave:** Acontecimento; Morte; Biografia; José Wilker.

### **Introdução**

Em uma existência repleta de surpresas, a morte é a única certeza do ser humano. Embora ninguém saiba quando nem como, todos sabem que, em algum dia, a sua participação neste mundo será encerrada. A finitude da vida, embora certa, é frequentemente ignorada nas relações diárias, especialmente em sociedades ocidentais fortemente marcadas pelo culto à vida e ao individual.

Ao se impor sobre as pessoas, a morte marca a ruptura entre o morto e a vida social, mas também afeta os que permanecem vivos. O confronto com a morte alheia retoma a consciência do indivíduo sobre a sua própria mortalidade e evoca determinados rituais e posturas característicos da cultura em que ocorre.

Evidentemente, diferentes mortes não afetam a todos da mesma maneira. Mortes trágicas ou de pessoas próximas, normalmente, comovem de forma mais intensa. Mas em uma sociedade altamente midiaticizada e em que talentos e personalidades individuais

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 6- Interfaces Comunicacionais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação. 6º semestre do curso de Comunicação Social (Jornalismo) da FAFICH-UFMG, Bolsista de Iniciação Científica (FAPEMIG) do projeto “Da Morte a biografia: acontecimentos, celebridades e vida social”, coordenado pela professora Paula Simões e desenvolvido com o apoio da FAPEMIG, do CNPq e da PRPq/UFMG, email:kariine.silva@hotmail.com

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da FAFICH-UFMG, email: paulaguimaraessimoes@yahoo.com.br.



são muito valorizados, um tipo de morte adquiriu grande potencial de afetação: as mortes de figuras célebres.

Os célebres da nossa era são pessoas que possuem fama, que se destacam socialmente e que estão inseridos na cena midiática. Suas atitudes chamam a atenção das pessoas comuns, frequentemente também para a sua vida privada. Eles encarnam valores hegemônicos na sociedade em que têm destaque, desempenhando o papel de figuras de referência (FRANÇA, 2014)<sup>4</sup>. As suas mortes, portanto, têm potencial de afetar os públicos, interferindo nas suas experiências cotidianas e se configurando como acontecimentos.

Este artigo tratará da morte do ator, diretor, cineasta, escritor e crítico José Wilker, ocorrida em abril de 2014 em decorrência de um infarto fulminante. Para realizar a análise, foram acionadas considerações teóricas sobre os conceitos de morte, acontecimento e biografia - o que será discutido na primeira seção do texto. Tendo em vista esse referencial, procedemos à análise na segunda parte do texto, a partir de dois eixos interligados e derivados, sobretudo, da discussão sobre acontecimento (QUÉRÉ, 2005; SIMÕES, 2012, 2014): o poder de afetação e o poder hermenêutico. O primeiro diz respeito ao modo como os públicos são sensibilizados e tocados pelo acontecimento, posicionando-se em relação a ele. O segundo aponta para o que a ocorrência revela sobre o contexto social mais amplo em que a morte se inscreve.

### **Morte, acontecimento, biografia**

“Eis por que, ao fim de toda a aventura humana, a morte continua um revelador particularmente sensível”, diz o historiador Michel Vovelle, ao afirmar que, apesar das variações e modificações em sua configuração, a relação dos seres humanos com a morte, inevitável, convoca posturas e atitudes capazes de revelar aspectos do contexto social quando essa acontece (2004, p.129).

---

<sup>4</sup> Para discussões em torno do conceito e do estatuto das celebridades hoje, cf. FRANÇA; FREIRE FILHO; LANA; SIMÕES, 2014.



O autor aborda a morte segundo três níveis, que denomina como 1) morte consumada 2) morte vivida e 3) discurso sobre a morte. O primeiro nível, a *morte consumada*, diz respeito ao “fato bruto da mortalidade”, ou seja, à ocorrência da morte, a interrupção da experiência direta do falecido com o mundo social, que impulsiona as práticas funerárias, mágicas e cívicas, e os ritos de passagem - como funerais, sepultamento e luto - formalidades inseridas em sistemas sociais articulados. Mas Vovelle aponta que a morte não se encerra nessas práticas: “a dimensão da morte consumada não é senão um primeiro nível conduzindo a medir a morte vivida” (2004, p. 131).

A *morte vivida*, o segundo nível da abordagem, trata da sensibilização das pessoas vivas a partir da ocorrência da morte. São as atitudes e gestos inconscientes acionados nas pessoas desde a enfermidade até o pós-morte, independentes de estruturas formais. Vovelle afirma que a morte nunca é recebida pelos humanos como algo “natural”, sem apreensão ou temor. Em consonância com essa discussão, o sociólogo Norbert Elias (2001) afirmou que a morte é sempre violenta para os humanos por que é o que faz lembrar que o seu controle em relação ao universo é limitado. Ao se verem diante de algo inesperado, que não podem controlar de imediato, as pessoas tentam retomar o controle da experiência cotidiana através de sua reorganização.

Para isso, são construídos os *discursos coletivos sobre a morte*, chegando ao terceiro nível da classificação de Vovelle. É nesse nível que ocorre a reorganização da experiência através da linguagem, a construção de narrativas que ajudam a constituir representações sobre a morte. Como discursos socialmente situados, essas manifestações podem revelar aspectos sobre os ambientes em que se formam, evidenciando alguns de seus traços e valores.

Os três níveis de abordagem da morte propostos por Vovelle nos ajudam a compreender a sua dimensão acontecimental, ou seja, a força da morte como um *acontecimento*, tal como discutido pelo sociólogo Louis Quéré (2005). Nessa perspectiva, os acontecimentos são ocorrências que causam rupturas na experiência cotidiana dos indivíduos, ou seja, que irrompem e causam abalos na interação rotineira das pessoas com o ambiente em que vivem.



Há coisas que acontecem, e que julgávamos impossíveis de acontecer, porque excediam o pensável ou o nosso sentido do possível. Ao acontecerem, somos obrigados a reconhecer que havia possibilidades, potencialidades ou eventualidades. Podemos também imaginar o que teria podido passar-se diferente, ou como é que as coisas teriam também podido produzir-se. Somos portanto, impelidos a rever o nosso sentido do possível, a descobrir os “possíveis que eram os nossos” e a inscrever na ordem das eventualidades o que até então parecia impensável. (QUÉRÉ, 2005, p.63)

Assim, na perspectiva de Quéré, os acontecimentos são dotados de um *poder de afetação* - é a passibilidade do acontecimento, conforme o autor. Ao irromperem, eles desorganizam a experiência de quem sofre seus efeitos e desencadeiam reações, na tentativa dos indivíduos para compreender os ocorridos e reconfigurar as suas experiências de modo a reestabelecer a normalidade. Essas reconfigurações se dão através do acionamento de quadros de sentido que auxiliam nas tipificações dos acontecimentos e da evocação de valores dos indivíduos e da sociedade em que eles vivem.

As pessoas, então, definem suas posturas e discursos diante de determinados acontecimentos *convocando passados* com que possam estabelecer ligações. As narrativas impulsionadas por essas ocorrências são carregadas de valores sociais, apontando para o *poder hermenêutico* dos acontecimentos (QUÉRÉ, 2005). O poder hermenêutico diz respeito ao que um acontecimento revela para além da sua simples ocorrência. Isso envolve desde os valores evidenciados nas manifestações individuais até as discussões coletivas que ganham força quando um acontecimento retoma determinados assuntos.

A morte, como um acontecimento que encerra uma vida e que afeta aos vivos, impulsiona a construção de narrativas biográficas. No caso da morte de figuras célebres, que é para onde este trabalho volta a sua atenção, a mídia é um importante espaço de constituição dos textos biográficos. Por envolverem figuras de destaque social, cujos atos em vida são de interesse do público, as mortes de pessoas famosas não poderiam deixar de se constituir como acontecimentos de grande alcance.

As narrativas biográficas veiculadas nos meios de comunicação, especialmente logo após a morte, não se constituem apenas por estruturas textuais formais, mas por falas e



discursos heterogêneos, de diferentes pessoas e lugares, sobre o ocorrido, sobre a pessoa falecida e sobre temas que são evocados a partir desse acontecimento. As biografias se apresentam tal qual *um jogo de quebra-cabeças*. Elizabeth Rondelli e Michael Herschmann (2000) citam o termo *biografema* para se referir a essas narrativas:

No entanto, o que mais nos é apresentado não é uma trajetória do indivíduo, com começo, meio e fim demarcados, mas alguns episódios de sua vida que vão se revelando como significantes. Roland Barthes conceituou o termo *biografema* para dar conta deste texto que fica entre o ver e o não ver, que constrói um corpo que se percebe nas suas intermitências, ou ainda, na encenação de um desaparecimento aparecimento. Um texto que ganha potência nos seus fragmentos, detalhes da ambientação/contexto, que cativa o leitor porque permitiria revelar algo da natureza humana ou de uma época. (RONDELLI, HERSCHMANN. 2000, p. 215)

A partir dessa discussão, que aborda a mídia como um espaço de constituição do biográfico, e pensando na morte de famosos como um acontecimento de destaque capaz de afetar e chamar atenção para aspectos da vida social, na próxima sessão será feita uma análise da morte de José Wilker. A análise será operacionalizada tendo em vista dois eixos na análise do acontecimento, tal como proposto por Simões (2014), tendo em vista a abordagem de Quéré (2005): *o poder de afetação* e *o poder hermenêutico* do acontecimento. Através da coleta de falas de diferentes pessoas afetadas por esse acontecimento, em canais de comunicação diversos, procura-se entender como o falecimento do ator repercutiu, quais reações suscitou e o que as narrativas impulsionadas por esse acontecimento revelaram sobre o contexto social hodierno brasileiro.

### **Morte de Wilker, discursos e sociedade**

Na manhã do dia cinco de abril de 2014, veio a público a notícia da morte do ator, diretor, crítico, cineasta e escritor brasileiro José Wilker, aos 69 anos. O falecimento ocorreu na madrugada do mesmo dia, em função de um infarto fulminante na casa de sua namorada, Claudia Montenegro, no Rio de Janeiro. Como um acontecimento que *afeta*, na medida em causa uma ruptura ao apontar um limite humano, como colocado por Quéré (2005), Elias (2001) e segundos os níveis de abordagem de Vovelle (2004), a morte de Wilker suscitou discursos e tentativas de reorganização da experiência. As



manifestações encontradas sobre esse acontecimento, em notícias e comentários de diversos portais online, diferiram muito entre si, na forma e no tom de tratamento do ocorrido.<sup>5</sup>

O confronto com a morte alheia trouxe para algumas pessoas a lembrança da fragilidade da vida humana. Além disso, a morte foi tratada como o momento em que as assimetrias existentes durante a vida social são eliminadas. “E TODOS TERAM (sic) QUE PASSAR POR ISSO, RICOS OU POBRES DAR CONTA AO CRIADOR, POR ISSO TEMOS QUE ESTAR PRONTOS” “Nessa hora todos os artistas ficam com cara de medo. A temida e democrática morte chega para ficar bem claro: somos iguais.”, comentaram os leitores Saulo Paula e Ana Melo no Portal G1<sup>6</sup>. Assim, a morte iguala, em certa medida, célebres e anônimos.

Por outros, a morte ainda foi tratada como um castigo, que deveria ser reservado a pessoas que esses consideram ruins. “Os bons vão embora, restam os companheiros do PT que ficam. Estes são eternos e acabarão com nosso País. Eta realidade triste”<sup>7</sup>, comentou Paulo Cervantes, que evidenciou a sua insatisfação com o cenário político brasileiro do momento. “Que pena quando gente assim morre e ainda cedo. Tem tanta gente ruim por ai vivendo ate ficar velho e este, um excelente ator e me parecia ser uma pessoa acima de tudo inteligente morre.”<sup>8</sup>, disse a leitora Miriam Ramos.

A notícia da morte de Wilker foi recebida com surpresa por fãs, familiares e amigos, dentre os quais muitos são figuras públicas. O ator estava profissionalmente ativo e aparentemente saudável e, segundo pessoas mais próximas, cuidava de sua saúde. O choque inevitável causado pela morte, portanto, se tornou maior por que foi uma ocorrência inesperada.

---

<sup>5</sup> Serviram como principais fontes os portais G1, Istoé, Veja e Caras, dos quais foram coletados cerca de 250 comentários, espontâneos ou inseridos nas repostagens, advindos de célebres, anônimos e familiares de Wilker.

<sup>6</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/04/na-fila-do-velorio-de-jose-wilker-no-rio-fas-lembram-de-roque-santeiro.html>. Acesso em 10 de junho de 2014.

<sup>7</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/04/na-fila-do-velorio-de-jose-wilker-no-rio-fas-lembram-de-roque-santeiro.html>. Acesso em 10 de junho de 2014.

<sup>8</sup> Disponível em: e <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/04/veja-repercussao-da-morte-de-jose-wilker.html> Acesso em 10 de junho de 2014.



“Deixa uma profunda saudade. Foi um choque. Estávamos com ele ontem até meia noite, conversando, rindo. São 50 e tantos anos de convivência, e hoje de manhã recebo essa notícia que me deixou absolutamente tonto. Não posso acreditar. Hoje iria encontrá-lo novamente, para mim foi chocante”, depôs o ator Ary Fontoura. O diretor Dennis Carvalho destacou em sua fala os cuidados de Wilker com a saúde: “Fiquei muito chocado porque ele se cuidava, fazia check up, encontrei com ele na semana passada. Vou guardar uma memórias muito boas dele”.<sup>9</sup>

A morte de Wilker impulsionou discursos sobre sua vida e sua personalidade. Como proposto por Roland Barthes e retomado por Rondelli e Herschmann (2000), essas falas, ou *biografemas*, constroem um texto que ganha potência nos seus fragmentos que, ao destacar certos aspectos e ocultar outros, evidencia aspectos da vida social. “Era um grande ator, um intelectual, um homem muito inteligente, era uma delicada e amável companhia. Abre um buraco no meu coração” disse o ator Lima Duarte. Tony Ramos também se manifestou: “ Ele era objetivo, espontâneo, tinha uma sensibilidade muito grande. Era um inacreditável profissional, buscava vozes para os seus personagens, maneiras de dizer suas falas. Para mim, será o eterno Zé, que tinha na essência do homem a essência que um ator precisa”<sup>10</sup>. O ator Milton Gonçalves, que era grande amigo de Wilker, fez uma declaração um pouco mais crítica: “Ele era tido como rude, às vezes, mas na verdade, ele era verdadeiro numa sociedade de mentira. Minha amizade com o Wilker durou mais de 50 anos. Só posso falar bem e não é porque morreu não. Às vezes era irritado, mas devemos compreender as pessoas. Ele contribuiu de forma muito positiva para a arte”.<sup>11</sup>

A atriz Suzana Vieira, que contracenou com Wilker em um de seus papéis mais famosos nas telenovelas, expressou sentimento de “viuvez”. “Eu sou a maior viúva de todas as atrizes. Que me desculpem os outros atores, mas o Wilker era especial”, disse Susana Vieira, que lembrou o personagem Giovane Imbrota, da novela ‘Senhora do destino’,

---

<sup>9</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/04/veja-repercussao-da-morte-de-jose-wilker.html>  
Acesso em 10 de junho de 2014.

<sup>10</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/04/veja-repercussao-da-morte-de-jose-wilker.html>  
Acesso em 10 de junho de 2014.

<sup>11</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/04/parentes-e-amigos-se-reunem-para-cremacao-de-jose-wilker-no-rio.html> Acesso em 10 de junho de 2014.



que sempre dizia ‘Se precisar, estou aqui’. ‘Como pessoa ele sempre foi assim. Sempre disponível para os amigos’.<sup>12</sup>

Personalidades da política também se manifestaram sobre o acontecimento. A presidenta Dilma Rousseff publicou em seu Twitter: “Ator, crítico de cinema e exemplo de dedicação à arte, José Wilker nos presenteou com interpretações que se tornaram ícones do cinema e da TV”. O prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, comentou:

Cearense de nascimento, carioca por escolha, José Wilker se confunde com a história da dramaturgia brasileira. Grande ser humano e um artista completo, de personagens memoráveis, Wilker deixará um vazio irreparável nas telas país afora. A notícia de seu falecimento traz tristeza a todos que o conheceram e acompanharam sua trajetória e, ao mesmo tempo, um sentimento de gratidão por sua arte e seu talento. À família e aos amigos, muita força e conforto nesse momento de luto.<sup>13</sup>

Diante das várias mensagens de solidariedade e apoio, Isabel Wilker, filha de José Wilker, publicou em uma de suas redes sociais: “Só tenho amor, muito amor, e agora saudades, sempre. Obrigada a todos pelo carinho.”<sup>14</sup> Cláudia Montenegro, então namorada do falecido, também se manifestou: “Meus amigos queridos, obrigada por tanto carinho. A força das palavras de vocês aqui é um alento. Gostaria de agradecer a cada um. Farei isso um dia. Vou dizer pessoalmente como foram importantes e emocionantes as mensagens. Saibam que fui muito feliz com o Zé. Acho que todos têm essa noção e, por isso, estão aqui me ajudando a sofrer menos”.<sup>15</sup>

Apesar das reações predominantes acerca do acontecimento terem sido de estarrecimento e tristeza, esse comportamento não foi unânime. Algumas pessoas se manifestaram com sarcasmo e desrespeito à figura do morto. Foi o caso do usuário Nerso Channel Cartier<sup>16</sup>, que comentou “rsrsrsrsr.....kkkkk.....vai ver foi o viagra !!!”, apontando ironicamente que a causa da morte poderia ser o uso de um estimulante

---

<sup>12</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/04/parentes-e-amigos-se-reunem-para-cremacao-de-jose-wilker-no-rio.html> Acesso em 10 de junho de 2014.

<sup>13</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/04/veja-repercussao-da-morte-de-jose-wilker.html> Acesso em 10 de junho de 2014.

<sup>14</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/04/so-tenho-amor-muito-amor-e-agora-saudades-diz-filha-de-jose-wilker.html> Acesso em 10 de junho de 2014.

<sup>15</sup> Disponível em: <http://caras.uol.com.br/tv/namorada-de-jose-wilker-desabafa-sobre-morte-do-ator-queria-mais-tempo#.U5Y6ENJdX3R> Acesso em 10 de junho de 2014.

<sup>16</sup> Disponível em: [http://www.istoe.com.br/reportagens/356341\\_MORRE+AOS+66+ANOS+O+ATOR+JOSE+WILKER](http://www.istoe.com.br/reportagens/356341_MORRE+AOS+66+ANOS+O+ATOR+JOSE+WILKER) Acesso em 10 de junho de 2014.





sexual. O usuário Isaac Paulo quis demonstrar indiferença: “não vou sentir nenhuma falta! perda pra família dele...”<sup>17</sup>.

Diferente de Isaac, muitas pessoas anônimas, que não eram íntimas a Wilker disseram que sentiriam a sua falta e que se sentiam de certa maneira próximas a ele. Essa proximidade se deu muitas vezes através do contato pelas telenovelas e pelos personagens que ele interpretou, especialmente Roque Santeiro (1985-86). A dona de casa Antônia Lopes de Souza, por exemplo, compareceu ao velório do ator e disse que se tornou sua fã após esse personagem. “Vou ficar aqui até a hora que der. Se não conseguir ver ele hoje, volto de manhã bem cedo”, depôs em entrevista ao Portal G1. Nilza Guimarães, de 40 anos, também compareceu ao velório, junto a sua irmã, e fez questão de ver o corpo de Wilker: ““Nossos filhos querem ir embora, mas a gente quer que eles esperem. Queremos ver o José Wilker”<sup>18</sup>.

Outros personagens interpretados por Wilker também foram lembrados. Entre esses, estavam Vadinho, de *Dona Flor e seus dois maridos*, Giovani Improtta, de *Senhora do Destino*, e o Coronel Jesuíno Mendonça, em *Gabriela*. “Querido José Wilker, tenha certeza que seu legado foi “*felomenal*” e nos deixou lembranças eternas de um trabalho primoroso. Mas infelizmente o tempo “*ruge*” e você foi chamado para o andar de cima com o propósito de abrilhantar ainda mais a Constelação de Estrelas, a nós, fica a difícil missão de continuar sem degustar sempre de seu próximo trabalho, cabe nos o eterno “gosto de estrela na boca”, Faça uma tranquila viagem, a Plateia Celestial espera com aplausos. Beijós”, comentou a leitora Cibeli Leite, fazendo referência a jargões do personagem de Wilker em *Senhora do Destino*.

Outro bordão muito lembrado foi o do Coronel Jesuíno, personagem interpretado por Wilker em *Gabriela*. “Muito triste, Muito triste mesmo! Estou surpreso com a morte desse grande Ator! Quantas vezes fez agente rir com seus personagens, as loucuras dos seus personagens por mais sérios que fossem como o Coronel Jesuíno que ficou uma fama danada desse “Quero lhe Usar”. Obg por tudo Wilker, não existirá outro que fique

---

<sup>17</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/04/veja-repercussao-da-morte-de-jose-wilker.html>  
Acesso em 10 de junho de 2014.

<sup>18</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/04/na-fila-do-velorio-de-jose-wilker-no-rio-fas-lembram-de-roque-santeiro.html> Acesso em 10 de junho de 2014.



no seu lugar NUNCA! Obg, Obg, Obg!”), comentou o leitor Cássio Melo. O usuário Nego Véio, por sua vez, utilizou a frase para fazer um comentário irônico: “Caixão, se prepare que vou lhe usar”.<sup>19</sup>

A imagem de Wilker foi muito associada aos seus personagens em telenovelas, mesmo os interpretados décadas antes de sua morte; e a sua história, como disse Eduardo Paes, muitas vezes foi confundida com a história da televisão brasileira. Essas recordações chamaram a atenção para a relação afetiva dos públicos com as telenovelas e suas figuras, e para a capacidade desses de constituir uma memória não apenas do ator e de seus personagens, mas da própria TV brasileira. Entendemos memória como um conjunto de referências e representações que formam identidades em diferentes grupos, e permitem a esses interagir com o mundo. Ela não é única ou imutável, mas se estabelece a partir do embate de diferentes discursos. (FENTRESS; WICKHAM *apud* FRANÇA, TEIXEIRA, VIANNA, 2014)

Maria Lourdes Motter (2001) afirma que as telenovelas brasileiras cumprem um papel documental, ao se apropriar do cotidiano na ficção e gerar identificação de seu público com o seu conteúdo. “Nesse sentido a telenovela demarca no horizonte social de sua época, ou de seu momento, os temas que pontuam as preocupações e os valores dominantes naquele período”. (p. 76). Os personagens de Wilker atuam aqui como constituidores de memória na medida em que, ao serem personalidades que encarnam valores sociais, agregam pessoas e atuam como referências em suas vidas.

Chris Rojek (2008) utilizou o termo *celeator* para se referir a “um personagem fictício que ou é momentaneamente ubíquo ou se torna um item institucionalizado da cultura popular”. (ROJEK, 2008, p. 26). Roque Santeiro, Vadinho, Giovani Improtta e Coronel Jesuíno podem ser considerados alguns celeatores que, ao marcarem a vida das pessoas que os assistiam, ajudaram a consagrar Wilker na história da telenovela e do povo brasileiro.

---

<sup>19</sup> Comentários inseridos na matéria “Veja a repercussão da morte do ator José Wilker”, disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/04/veja-repercussao-da-morte-de-jose-wilker.html> Acesso em 10 de junho de 2014.



## Considerações Finais

O objetivo deste texto foi compreender a morte de José Wilker como um acontecimento, tendo em vista o modo como ela afetou a vida das pessoas (poder de afetação) e o que ela pode revelar do contexto social mais amplo em que se inscreve (poder hermenêutico). Entendemos que os posicionamentos do público exibem o modo como são sensibilizados por essa morte e, ao mesmo tempo, podem revelar traços da própria sociedade contemporânea (a nossa relação com a morte, com as celebridades, com a TV brasileira e seus personagens).

Entendendo os discursos sobre a morte de Wilker como *biografemas*, textos que constituem narrativas biográficas das pessoas a que se referem, percebemos que as diferentes manifestações construíram uma imagem do ator. Entre amigos, ele foi lembrado como um homem acima de tudo talentoso, inteligente, crítico e agradável. Sua companheira e sua filha lembraram-no como alguém amoroso. Os fãs, por sua vez, associaram muito a sua imagem às de seus personagens mais marcantes nas telenovelas e, muitas vezes, evidenciaram uma ligação afetiva com esses.

Essa afetividade não diz somente da importância de Wilker, mas do lugar das telenovelas brasileiras, enquanto lugares de registro e de identificação de aspectos culturais. As histórias de ambos se confundiram algumas vezes, dado que, como uma celebridade que interpretou papéis marcantes, ele acabou por se tornar uma referência. Por isso, sua morte foi muitas vezes tratada como uma perda nacional. Isso aponta para uma das faces do poder hermenêutico desse acontecimento: a morte de José Wilker exhibe a importância da telenovela na cultura brasileira, assim como de muitos de seus personagens na construção de identificações e de uma memória compartilhada.

Também foram percebidas novas posturas diante da *morte consumada* de Wilker. Falas com zombaria, ironia e discursos de ódio figuraram entre os comentários de anônimos no site. Isso apontou para um modo de ver a morte cada vez menos temeroso. Mas, além disso, também acentuou sentimentos de impunidade no meio virtual, em função do anonimato. Aparentemente, ao se depararem com essa liberdade oferecida pela internet, as pessoas se censuram menos ou nem se censuram. Mas, apesar de algumas falas



destoarem do tradicional, a morte foi predominantemente tratada como um momento triste, em que o ser humano encontra o seu limite máximo e se iguala socialmente – como destacado anteriormente. Isso evidencia a realidade inexorável da própria morte – “única certeza absoluta no domínio da vida”, como destaca José Carlos Rodrigues (2006, p. 17). Essa visão sobre a morte é uma das dimensões do poder hermenêutico desse acontecimento.

É importante notar também como a morte de pessoas famosas foi tratada. Além de um limite do controle humano sobre a natureza, a morte nesse caso apareceu também como um fator que iguala as pessoas célebres aos “meros mortais”. A morte, portanto, seria para alguns eliminadora das desigualdades sociais, por ser um destino reservado a todos e todas. Eis aqui outra dimensão do poder hermenêutico desse acontecimento: a morte como essa experiência que, por um lado, desconstrói a assimetria entre célebres e anônimos, já que é para todos, e, por outro, pode acentuar essa mesma assimetria na medida em que o tratamento conferido ao morto célebre é muito distinto do que se confere a um sujeito comum.

Os discursos selecionados sobre a morte de Wilker neste trabalho apontaram que alguns posicionamentos fugiram do tradicional luto. Isso pode ser percebido tanto a partir de novas posturas assumidas em determinados espaços, quanto de um deslocamento das celebridades para um espaço onde se igualam aos demais e também são alvos de zombarias. Entretanto, grande parte dos discursos destacaram a inteligência e o talento artístico (ou pelo menos para a versatilidade de um artista inserido em uma emissora de grande alcance como a Rede Globo); para os vários papéis desempenhados por esse, enquanto bom amigo, bom profissional, colega de trabalho e pai. Pensando nas biografias como maneiras de eternizar a pessoa falecida, aferiu-se que essas são características valorizadas na contemporaneidade e que constituem a imagem do ator que será perpetuada na memória coletiva. Essa é uma forma de *permanecer vivo*, como destaca Maria Cláudia Coelho (1999) em sua discussão sobre o fenômeno da fama. O futuro aberto pela morte de uma celebridade – analisada como um acontecimento – é justamente essa perpetuação de sua imagem, de sua trajetória e seus feitos entre seu público.



## Referências Bibliográficas

COELHO, M. C. A experiência da fama. Rio de Janeiro: Ed., FGV, 1999. ELIAS, Norbert. **A Solidão dos Moribundos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FRANÇA, Renné; TEIXEIRA, Nísio; VIANNA, Graziela. **Memória**. In: FRANÇA, Vera ET al (Organizadores). *Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS): Trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação*. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas-PPGCom- UFMG, 2014.

FRANÇA, Vera; FREIRE FILHO, João; LANA, Lígia; SIMÕES, Paula. *Celebridades no século XXI: transformações no estatuto da fama*. Porto Alegre: Sulina, 2014.

FRANÇA, Vera. **O acontecimento para além do acontecimento: uma ferramenta heurística**. In: FRANÇA, Vera. OLIVEIRA, Luciana de (Organizadoras). *Acontecimento: reverberações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FRANÇA, Vera. **Celebridades: identificação, idealização ou consumo?**. In: FRANÇA, Vera; FILHO, João Freire; LANA, Lígia; SIMÕES, Paula. *Celebridades no século XXI: transformações no estatuto da fama*. Porto Alegre: Sulina, 2014.

MOTTER, Maria Lourdes. **A telenovela: documento**. In: *Revista USP*, São Paulo, n. 48, p. 74-87, dezembro/ fevereiro 2000-2001.

QUÉRÉ, L. **Entre o facto e o sentido: a dualidade do acontecimento**. *Trajectos*, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n. 6, p. 59-75 , 2005.

QUÉRÉ, L. **O carácter impessoal da experiência**. In: LEAL, B. S. ET al (Orgs.) *Entre o sensível e o comunicacional*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 19-38.

RODRIGUES, J. C. *Tabu da morte*. 2. ed. rev. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

ROJEK, Chris. **Celebridade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

RONDELLI, E.; HERSCHMANN, M. **A mídia e a construção do biográfico**. *Revista Tempo Social*, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 279-309, maio de 2000.

SIMÕES, P. G. **O acontecimento Ronaldo: a imagem pública de uma celebridade no contexto social contemporâneo**. 2012, 282f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

SIMÕES, P. G. . **Da morte à biografia de Mandela: acontecimento, celebridade e problema público**. *Ciberlegenda*, v. 31, p. 86-98, 2014.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e Mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 2004.